



PEDAGOGIA DO TEATRO NA CRIAÇÃO DE UMA METODOLOGIA POPULAR DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESTÉTICA

Priscilla Teixeira Campos[1]

Adauto de Souza Ribeiro[2]

Eixo 16. Arte, Educação e contemporaneidade.

Este estudo fundiu os elementos do Teatro do Oprimido aos princípios da Flor da Permacultura oriunda da agroecologia que possibilitou a criação de uma dimensão estética da Educação Ambiental transversal inserida nas vivências dos jovens do Movimento Coletivo da Juventude no semiárido sergipano. A metodologia de pesquisa qualitativa baseou-se na Pesquisa-Ação utilizando os conceitos de Sustentabilidade e Educação Estética. A coleta de dados foi realizada por meio de questionários, entrevistas, rodas de conversa e diários de campo. Os resultados contemplam 200 h de trabalho de campo, 1 oficina de teatro em caráter de imersão por 8 dias com 32 jovens, 1 peça de teatro-fórum sobre temática agrotóxicos a qual foi apresentada 16 vezes e a produção de 1 documentário do processo, mobilizando 1183 pessoas entre oficinas e público.

Palavras-chave: arte educação, teatro do oprimido, sustentabilidade.

This study merged the elements of the Theatre of the Oppressed to the principles of Permaculture flower arising from agro-ecology that allowed the creation of an aesthetic dimension of cross inserted in Environmental Education vivências youth Youth Movement Collective in Sergipe semiarid The qualitative research methodology was based on Action Research using the concepts of Sustainability and Education Aesthetics. Data collection was conducted through questionnaires, interviews, discussion and wheels field diaries. The results include 200 h of fieldwork, 1 theater workshop with 32 students, 1 piece of forum theater on pesticides theme which was presented 16 times and 1 documentary production process, mobilizing 1183 between people and oficinas public.

Keywords: art education, theater of the oppressed, sustainability.

"A arte é educadora enquanto arte e não enquanto arte educadora"

Walter Benjamin

Diante da crise em que nos encontramos na contemporaneidade, seja socioambiental ou de percepção e valores humanos, vemos esse momento como crucial para o entendimento, comunicação e prática da Sustentabilidade. E apontamos a Educação Ambiental, EA, como um caminho para alcançarmos a própria. Porém, grande parte das experiências existentes em EA tem sido um processo falho quanto ao alcance de seus objetivos (LEFF, 2009). Um dos motivos é que a preocupação inicial dos educadores limita-se aos objetivos de conservação da natureza, não aprofundando aspectos relacionados à pluralidade do ser humano. Destitui-se assim, os entendimentos e provocações advindos da percepção dos campos simbólico (razão) e sensível (sentimento), que juntos nos dão o conhecimento e, portanto, a compreensão mais próxima da realidade (BOAL, 2009).

Nesse sentido, esse trabalho busca compreender como o Teatro do Oprimido (BOAL, 2006), TO, e a Flor da Permacultura (LEGAN, 2004) potencializam as vivências de EA por unir a percepção dos campos simbólico e sensível na compreensão do conceito de Sustentabilidade pelos jovens do Movimento Coletivo da Juventude no sertão sergipano. Além de buscar uma ressignificação das práticas de Educação Ambiental vigentes ao encontro de uma pluralidade ao invés de linearidade na mesma, tanto das temáticas abordadas de forma reducionista quanto das formas de atuação fragmentadas.

A maneira como acontece a Educação Ambiental na atualidade tem tratado fenômenos complexos como a questão ambiental, de forma cartesiana, o que não permite alcançar a compreensão da realidade que é multifacetada. A mesma é tratada de forma estanque ao não conectar o universo humano ao natural e ao estabelecer uma relação territorialista entre esses dois mundos prejudicando não só a relação homem-natureza como o equilíbrio do planeta como um todo.

Ao olharmos a destituição da subjetividade nas práticas educativas com a abordagem linear da Educação Ambiental frente aos fenômenos complexos, suscitam-nos algumas questões como: quais as contribuições da arte enquanto linguagem outra e própria para uma maior compreensão das relações do homem consigo mesmo e com o seu ambiente?

E de que forma podemos realizar uma Educação Ambiental de forma mais contextualizada com a realidade local e ainda assim voltada à produção de sentidos a partir dos próprios educandos?

O interesse pela investigação interdisciplinar que conecta Meio Ambiente- Educação e Arte desenvolveu-se ao longo de 8 anos através das vivências do Projeto Argos itinerante de Arte-Educação Ambiental que sensibilizou mais de 3000 pessoas com um trabalho de EA em 13 estados brasileiros e a sistematização dessa experiência durante dois anos na UFC (CAMPOS et al 2011, 2012) inclusive com formação de professores (PEREIRA et al, 2012).

Ao falar de arte, utilizamos o Teatro do Oprimido[3], TO, método nascido na década de 1970, como resistência política e força de educação popular para atores e não atores, assim como uma ideologia e práxis de democratização do teatro. Aproxima-se da ideologia de Paulo Freire e tem o intuito de libertação dos oprimidos principalmente pelo viés cultural. Há uma plasticidade muito grande e um alcance temático de alta variabilidade sendo o TO utilizado como método de trabalho inclusive na produção acadêmica em várias áreas do conhecimento, como Educação, Educação Ambiental, Educação Social, Saúde, Direito, Economia, Artes, Artes Cênicas, Psicologia, Ciências da Comunicação (BARBOSA, 2011) e Ciências Ambientais (CAMPOS, 2013).

Ao tratarmos de Sustentabilidade utilizamos a Flor da Permacultura como uma bússola temática, um norteador de quais temas devem ser trabalhados para se dizer que um ambiente é sustentável ou não.

Logo, ao tratar da EA como um construto, propõe-se a sua desconstrução para recriação estética com uma atitude crítica e emancipatória. A ferramenta baseia-se no conteúdo da Flor da Permacultura e que responde a ação e a forma de fazê-lo no teatro do oprimido boalino.

O objetivo geral dessa pesquisa foi investigar o Teatro do Oprimido e a Flor da Permacultura (LEGAN, 2004) como metodologia potencializadora de uma Educação Ambiental plural.

Para atingir o objetivo geral, o mesmo foi desmembrado nos seguintes objetivos específicos: a) aplicar uma Oficina de Teatro do Oprimido ao Movimento Coletivo da Juventude para aprofundar os conhecimentos socioambientais locais; b) avaliar o aproveitamento dos conceitos trabalhados ao longo da oficina quanto aos conhecimentos socioambientais apreendidos por esses jovens após a aplicação dessa oficina; c) descrever a metodologia de EA Estética.

Percebemos a Educação Ambiental através de ações aplicadas segundo Loureiro (2006), Dias (2004) e Santos (2006) e o olhar outro que pretendemos demonstrar nesse trabalho sobre a mesma ocorre segundo a concepção de Educação Estética (DUARTE-JÚNIOR, 1988) e da Estética do Oprimido (BOAL, 2009) que atua como um eixo transversal de comunicação interdisciplinar nas diferentes ações propostas.

Destaca-se assim, a seguinte questão de pesquisa norteadora do nosso estudo: Que contribuições teóricas - metodológicas o Teatro do Oprimido e a Flor da Permacultura traz para a criação de uma metodologia plural de Educação Ambiental?

O Teatro na Educação

Segundo Guinsburg (2006) "a Pedagogia do Teatro incorpora tanto a investigação sobre a teoria e a prática da linguagem artística de teatro quanto a sua inserção nas modalidades de ensino." (p. 239).

Quanto ao teatro-educação, "[...] do ponto de vista epistemológico, o conhecimento artístico deve articular o método entre o fazer artístico, a apreciação da obra de arte e o processo de contextualização histórica e social." (GUINSBURG, 2006, p. 282).

Segundo Cabral (2006) quanto maior o conhecimento educativo maior o desempenho artístico e quanto maior o desempenho artístico maior o valor educacional, pois “[...] a dimensão artística e educacional alimentam uma a outra.” (p.17).

A importância do Teatro na educação aliada a educação ambiental é que “[...] ele pode colocar numa linguagem essencialmente humana as significações recriadas da leitura vivencial do mundo.” (SILVEIRA, 2009, p. 381).

Como o objeto da Arte são os sentimentos e a expressão dos mesmos “ao educar a sensibilidade, a partir dessa relação afetiva entre ser humano e ambiente, também a relação do ser humano com seu igual é ressignificada, desenhando um novo sentido do agir ético.” (SILVEIRA, 2009, p. 380).

Sentido esse cujo objetivo é a criação, o novo, o que nos desvencilha da reprodução cultural, da acomodação, mudando a ótica do cidadão consumidor para produtor e crítico da cultura; pois a luta é a de superação desse estado no homem. “É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga [...] muitas vezes em nome de sua própria libertação.” (FREIRE, 2009, p. 51). É uma violência sutil que quase sempre confunde liberalismo com liberdade.

Jogo, improvisação, transformação

Ryngaert (2009), que assim como Boal também trabalha com atores e não-atores traz essa preocupação da criação do novo através do próprio sujeito para o jogo. De caráter lúdico e não apenas dramático, jogadores são aqueles que estão dispostos a jogar, independente de seus conhecimentos técnicos sobre a linguagem teatral.

O jogo funciona para esse autor como Teatro- Comunicação- Terapia e ocorre na “zona intermediária” entre os jogadores e entre eles e o público, num espaço denominado de “espaço potencial criativo”, muito próximo ao conceito de “experiência criativa” como expressão da espontaneidade trazida por Spolin (1982).

O jogo “encoraja o desenvolvimento da flexibilidade e da imaginação e opõe-se ao sistematismo.” (RYNGAERT, 2009, p. 97). O sujeito é convidado a criar algo novo, baseando-se inclusive no seu referencial estereotipado da realidade. Porém, essa criação só existe a partir da ruptura com o velho, da produção de diferenças, de formas novas. E isso não ocorre sem a ruptura primeira consigo mesmo. Criar é se reinventar e não reproduzir o conhecido.

Cabral (2006) traz essa produção e não reprodução do conhecimento do sujeito através de seu capital cultural. O sujeito investiga as respostas de acordo com suas necessidades e interesses tornando-se produtor do conhecimento. “A particularidade dessa investigação ativa através da atividade dramática é que ela envolve os alunos com áreas complexas da atividade humana, a fim de descobrir as questões e assuntos relevantes às suas necessidades.” (p.33).

A concentração no jogo “libera a força grupal e o gênio individual.” (SPOLIN, 1982, p. 20). Traz o controle, a disciplina artística, a objetividade que liberta a subjetividade. “Liberar o

aluno para uma ação espontânea é um veículo para uma experiência orgânica e não cerebral [...] é um trampolim para o intuitivo.” (p. 21).

O que Boal (2009) denominou de aliar o Pensamento Sensível (sentimento) ao Pensamento Simbólico (racional) para ampliar a compreensão do sujeito. Não apenas acerca de si, mas do mundo que o cerca, e ao compreender isso, compreender também qual o seu papel na construção da História. Convidar os sujeitos a “[...] ocuparem seu lugar não somente no teatro, mas no mundo.” (DESGRANGES, 2010, p. 37).

Por uma estética do (des) oprimido

A fim de desconstruir o modelo responsável pela massificação cultural imposto na atualidade, Boal (2006) propõe em seu Arsenal do Oprimido exercícios musculares, sensoriais, de imaginação, de emoção e de racionalizar essa emoção para trabalhar a desmecanização dos sentidos. É um teatro popular, que trabalha com não-atores pela democratização do mesmo e construção da cidadania.

No Teatro-fórum (BOAL, 2006) temos um jogo/encenação, que se dá entre o oprimido e seus aliados; o opressor e seus aliados e o espect-ator ou plateia quando este é motivado a entrar em cena. Pois aqui, a plateia não é um ente passivo, mas sim espect-ator, aquele que entra em cena junto com os atores para propor uma solução ao problema encenado. “As regras do Teatro-Fórum foram descobertas e não inventadas – são necessárias para que se produza o efeito desejado: o aprendizado dos mecanismos pelos quais uma opressão se produz.” (BOAL, 2006, p. 28).

A peça tem que partir de uma história de opressão real e relevante socialmente para aquele grupo de oprimidos que desejam resolvê-la. Deve conter um erro, uma falha política ou social, o conflito; que deve ser debatido com a plateia mediado pelo coringa. “Esses erros devem ser expressos claramente e cuidadosamente ensaiados.” (BOAL, 2006, p. 29).

Na Estética do Oprimido (BOAL, 2009) temos o trabalho simultâneo dos Pensamentos Sensível, relativo aos nossos sentimentos e simbólico, relativo aos processos racionais. O Pensamento Sensível é trabalhado através da criação e apreciação artística no que o autor denomina dos três canais estéticos de dominação cultural: a Palavra, o Som e a Imagem.

Duarte Júnior (1988) demonstra que “a arte contém em si elementos educativos e formadores do humano, ainda que nos envolvamos com ela apenas como espectadores.” (p. 138). E continua “[...] é óbvio que o envolvimento direto com os Símbolos estéticos, em termos de criação e produção de obras, coloca o indivíduo numa posição de estabelecer um contato mais íntimo com aquelas regiões inalcançáveis por meio do raciocínio e das construções lógicas.” (p.138).

Para Boal a criação estética facilita a compreensão da realidade:

É necessário ajudar os jovens para que construam, esteticamente, o mundo ético no qual vivem e para criar imagens que o corporifiquem, para que possamos melhor entendê-lo e, depois, deixando-o

cuidadosamente de lado, construir- sempre com esses mesmos jovens e não em lugar deles- outros mundo éticos subjuntivos - ... e se?
- , procurando igualmente entendê-los e compará-los com o triste mundo real onde habitam (BOAL, 2003, p. 172, grifos do autor.)

Educação Ambiental Estética

Vemos “[...] a educação como um processo formativo do humano, como um processo pelo qual se auxilia o homem a desenvolver sentidos e significados que orientem a sua ação no mundo.” (DUARTE JÚNIOR, 1988, p. 17). A desenvolver-se em seus potenciais para atuar de forma que se sinta mais capaz e criativo. Sendo assim, “[...] educar significa colocar o indivíduo em contato com os sentidos que circulam em sua cultura, para que assimilando-os ele possa nela viver... não se trata de impor sentidos ao educando, de adaptá-lo a significações preexistentes” (DUARTE JÚNIOR, 1988, p.60). Ao contrário. O que ocorre é o oposto da educação bancária criticada por Paulo Freire na qual há uma imposição de valores e portanto um adestramento à estrutura cultural vigente.

O que deveria ser feito na educação é “[...] permitir ao indivíduo a eleição de um sentido que norteie sua existência [...] que ele conheça as múltiplas significações e as compreenda a partir de suas vivências” (DUARTE JÚNIOR, 1988, p. 60, grifo nosso).

A experiência estética que se dá na relação do sujeito com a arte também ocorre de forma diferenciada, pois nela há uma “[...] suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que nossa linguagem forja. Ela se dá com a percepção global de um universo do qual fazemos parte e como qual estamos em relação.” (DUARTE – JÚNIOR, 1988, p. 91). Ou seja, é uma relação aberta, cujo sentido se completa com a atuação do espectador e não limitada pelo pensar, visto que esse encontro se dá na esfera do sentir. “A beleza se encontra assim entre o homem e o mundo [...] a beleza habita a relação.” (p.93). E nos traz um universo de possibilidades.

[...] a multiplicidade de sentidos que a obra de arte descortina faz-nos continuamente um convite: para que nos deixemos conduzir pelos intrincados caminhos dos sentimentos, onde habitam novas e vibrantes possibilidades de nos sentirmos e de nos conhecermos como humanos. (DUARTE – JÚNIOR, 1988, p.94).

A dimensão estética da educação para Duarte Júnior (1988) é trazer o termo estética no sentido de harmonia, de equilíbrios de elementos. “Assim, a própria educação possui uma dimensão estética: levar o educando a criar os sentidos e valores que fundamentem sua ação no seu ambiente cultural, de modo que haja harmonia entre o sentir, o pensar e o fazer.” (p.18). Ampliando esse ambiente cultural ao ambiente como um todo, seja meio ambiente físico ou não.

Logo, tratamos a nossa proposta como a inclusão da Dimensão Estética na Educação Ambiental. Pensando numa educação integrada e integradora do indivíduo consigo mesmo e com seu entorno. Condizente com a metodologia descrita por Boal no seu Teatro do Oprimido,

na qual o querer traduz-se em vontade política, mediado pelo processo criativo que para Duarte Júnior (1988) é um ato de rebeldia, quando o indivíduo “[...] nega o existente para propor o que ainda não existe” (p.100) com fins de transformação.

Os caminhos da Pesquisa

Essa pesquisa (CAMPOS, 2014), de natureza qualitativa, de abordagem interdisciplinar baseou-se na Pesquisa-Ação (BARBIER, 2007), cujo método de procedimento foi o monográfico com pesquisa de campo e aplicação de oficina teatral; os instrumentos de coleta de dados foram segundo Bauer; Gaskel (2011) questionários, entrevistas, grupo focal, observação participante, além dos diários de bordo da pesquisadora e dos sujeitos pesquisados muito utilizados na etnografia. A análise dos mesmos se deu pela Triangulação de dados (HUSSEIN, 2009), na qual fizemos uma categorização dos dados (GOETZ ; LECOMPTE, 1988) uma análise temática e uma análise quantitativa de distribuição de frequência entre as categorias elencadas.

Foi escolhido o Movimento Coletivo da Juventude no Centro de Formação Ana Patrícia, Porto da Folha/SE como público desse estudo. O coletivo se auto - define como a “juventude da classe trabalhadora, oriunda dos movimentos sociais, pastorais, grêmios estudantis, grupos culturais e grupos populares da cidade e do campo” (coletivo da juventude, web). Cujas diretrizes é a luta pela transformação social através do trabalho de base, da militância e da educação popular. Foram conectados cinco grupos pertencentes ao Movimento Coletivo da Juventude: GTRN (Grupo teatral Raízes Nordestinas), MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), LPJ (Levante Popular da Juventude), MST (Movimento Social dos Trabalhadores sem Terra), ACRANE (Associação Cultural Raízes Nordestinas) e FETASE (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Sergipe).

O trabalho de campo teve duração de 200 horas e a oficina de teatro do oprimido cujo princípio teórico norteador foram os conceitos conectores e cognitivos da Flor da Permacultura (LEGAN, 2004) durou 8 dias em imersão.

Processos

O trabalho ocorreu com 32 jovens de 9 a 39 anos com metade dos jovens sendo do gênero feminino. Apesar de termos idades tão variadas metade dos jovens pertencia a faixa etária de 17-20 anos, o que não comprometeu o trabalho o fato de termos crianças no grupo. Já em relação a quantidade de jovens, o número ideal que era 20 extrapolou muito, indo para 32, para que pudéssemos incluir todos os interessados e caso houvesse desistência não invalidasse a amostra da pesquisa. Não houve desistências e trabalhamos toda a semana com os 32 jovens o que tornou o trabalho muito exaustivo.

Na oficina de Teatro do Oprimido foi montada uma peça de teatro-fórum “ Agrotóxico, uma ideia que engana” apresentada na rua após a oficina e depois mais 16 vezes incluindo no Congresso Nacional de Camponeses em Brasília que não ocorria desde a década de 70 e reuniu em 2012 cerca de 5 mil pessoas. Foi realizado um documentário do processo (Web) e repassado como resultado disponível em linguagem popular ao Movimento Coletivo da

Juventude, utilizado por eles como recurso ecopedagógico. Foram sensibilizadas 1183 pessoas entre oficinas e plateia.

Em relação a Flor da Permacultura tivemos a criação de uma Flor da Permacultura local contextualizada com a realidade dos educandos. A mesma sofreu uma transformação estética tornando-se um cactus pintado por eles em uma parede do Centro de Formação dos movimentos sociais Ana Patrícia em Porto da Folha/SE onde ocorreu a oficina de teatro, como símbolo de resistência ao sistema opressivo.

Além da contextualização socioambiental realizada pela transformação da flor, tivemos uma ressignificação dos conceitos trabalhados principalmente o de Sustentabilidade, um dos nossos objetivos iniciais. Para esse coletivo Sustentabilidade é "[...] *a união de todas essas pétalas, mas em união correta, sem interrupções do ser capitalista*" (Sara); "[...] *produzir o alimento respeitando o ecossistema*" (Maria), "[...] *viver em conjunto, respeitando toda forma de vida e sua diversidade*" (Ildo). Podemos afirmar que em termos gerais eles alcançaram a compreensão do que seria Sustentabilidade, além de criarem seus próprios conceitos sobre o tema.

Educação Ambiental Estética- criação coletiva de uma Metodologia do Sensível

Para que essa experiência possa ser multiplicada, fizemos uma sistematização por etapas da construção dessa metodologia. Lembrando que o objetivo com isso não é o engessamento que seria o oposto do que trabalhamos aqui, mas sim um norteador para que cada um dentro da sua experiência enquanto educador contextualizada com sua realidade, possa ressignificar inclusive essa mesma prática que estamos propondo :

1)Contextualização Local – quanto ao público que se quer trabalhar e sua região

É importante que antes de montar a oficina de trabalho se tenha ideia de com quem, quando e onde se dará esse trabalho. Para que se possa incluir na programação da oficina elementos da cultura local, no intuito dos participantes sentirem-se contemplados com a proposta. Que se abra um espaço na programação para o desenvolvimento desse público. Dar-lhes voz. E depois ouvi-los. Quanto ao número de participantes, o ideal é de 15 a 20 participantes por facilitador. Trabalhando 8h/dia, com intervalos curtos a cada 2 horas de trabalho e uma pausa maior para o almoço.

2)Logística da Oficina – gastos e organização

Dependendo da disponibilidade de recursos se organizará o tempo. No caso desse trabalho, dispomos de 1 semana em imersão com 90 horas para distribuir as atividades relevantes.

3)Norteador temático – assuntos – Flor da Permacultura

Pode-se trabalhar as pétalas da Flor da Permacultura de forma isolada, elencando uma ou mais pétalas; ou trabalhá-las em conjunto, conforme fizemos nesse trabalho. Uma vez determinado qual o assunto, em que pétala ele se encontra; serão elencados os jogos, improvisações e exercícios do TO que compõe o teatro-fórum e a Estética.

4)Objetivos – metas com a oficina de trabalho

Se o objetivo for sensibilizar os participantes quanto a temática elencada, seleciona-se a vivência, que se caracteriza pela escolha do jogo/exercício/improvisação/criação artística para trabalhar o Pensamento Sensível mais a reunião de informações relevantes sobre o assunto para se trabalhar o Pensamento Simbólico.

Se o objetivo for montar uma peça de teatro-fórum sobre um tema socioambiental relativo a uma ou mais pétalas da Flor, além da vivência acima descrita (Pensamento Sensível + Pensamento Simbólico), inclui-se a metodologia descrita por Boal (2006) para criação específica de Teatro-fórum. E deve haver um tempo reservado na programação da oficina para trabalhar a montagem do fórum.

5)Desenho da Oficina de Teatro

- Traçada a meta, se ela diz respeito a uma sensibilização, basta escolher o jogo/exercício/improvisação/criação artística e realizá-lo antes da discussão racional, ou seja, fazer uma vivência temática. Lembrando que primeiro criamos sobre um tema e depois teorizamos sobre ele. Sem maiores preocupações com o resultado do processo.

- Agora, se a meta for montar um teatro-fórum há de ficar atento aos elementos-chave ou células do teatro-fórum e distribuir a vivência no tempo de forma a contemplar: a) escolha da história não-fictícia de opressão; b) a identificação do protagonista, o oprimido; c) a identificação do antagonista, o opressor; d) a crise- chinesa ou conflito entre eles. É importante que os participantes não apenas identifiquem esses elementos, mas compreendam o porquê de sua existência e principalmente o que é opressão e como ela ocorre. Após esse esclarecimento para tod@s, ocorre a preparação do Fórum em termos de Estética.

- Estética do Oprimido: divide-se os participantes em 3 grupos para que possam elaborar a criação do sensível na peça de teatro-fórum: Palavra (cria o texto da peça ou criaturgia), Som (cria a música da peça ou sonoplastia), Imagem (cria os elementos visuais da peça, divididos em cenário e figurino).

- Junção dos elementos estéticos: após a criação em separado de cada grupo, cada um apresenta aos demais o que foi criado, e junt@s costuramos a peça para encaminharmos os ensaios.

- Ensaios: divide-se em Geral e Específicos. Os Específicos trabalham cenas ou atos da peça separadamente. O Geral é um ensaio de como seria a apresentação no dia, com todos os elementos. Nesse momento pode-se testar os elementos, por exemplo, os figurinos ou algo do cenário para que se der algum problema haja tempo de consertar antes da apresentação.

- Programação: tendo consciência da importância desses elementos descritos acima, o educador vai montar a sua programação, tendo como inspiração a descrita na oficina de teatro desse trabalho (CAMPOS, 2014).

- No campo: é importante lembrar que os jogos escolhidos podem mudar na hora da oficina

de acordo com “o que surgir”. O educador ambiental deve estar aberto para ouvir o outro e saber o que utilizar dentro do seu cardápio de aprendizagens para alcançar o objetivo daquele momento. Abrir-se para o inusitado, o imprevisto, o que vier. Acatar as propostas trazidas pelos participantes, desde que não fuja às metas do trabalho. A não ser que elas mudem no próprio trabalho. Isso é processo. Que para nós é mais importante do que o produto.

Mas não é por ser um processo que o mesmo não deva ser analisado, refletido e melhorado. E isso também se faz em grupo.

- Reflexão da vivência: seja ela uma sensibilização ou uma peça de teatro-fórum. A reflexão é também coletiva e se faz no próprio exercício; no início da oficina, durante e ao final do processo de trabalho. Na montagem da peça, nos ensaios e após a apresentação e intervenção. Na reflexão acata-se as subjetividades surgidas e objetiva-se o que for possível. Por comparação, por descrição, conceituação, observando as potências, as fraquezas, os pontos positivos e negativos de cada vivência. E nesse momento, faz-se a ponte entre o micro e o macro. O indivíduo e o grupo; o ser humano e o coletivo em que vive. Nas várias esferas que se conseguir alcançar: região, povoado, município, país, mundo. Contextualizando as questões internas e externas. Costurando o Pensamento Sensível ao Pensamento Simbólico.

Conclusão Inconclusa

Em relação ao TO destacamos como pontos positivos a possibilidade de: a) proporcionar uma outra forma de se fazer Educação Ambiental, mais plural, agregando elementos subjetivos à discussão racional, possibilitando vivenciar os conceitos que estão sendo trabalhados, além de criar uma realidade que permita vislumbrar e melhor compreender as questões que foram levantadas; b) proporcionar um conteúdo ambiental pelo viés da Sustentabilidade tão falada e tão pouco entendida devido a sua complexidade, para ressignificar os conceitos que lhe são atribuídos de forma lúdica e contextualizada com a realidade dos educandos.

Destacamos como pontos negativos: a) o trabalho concentrado em uma semana e em um facilitador para a oficina. Por conta da logística e do pouco recurso financeiro disponível tivemos que concentrar o trabalho em muitas horas por dia com pouco intervalo para descanso. Portanto sugiro que se não houver possibilidade de aumentar o número de dias, que o trabalho seja facilitado por uma dupla e não concentrado em uma só pessoa para propor todos os exercícios. Ou ainda que haja menos pessoas para participar da oficina. O ideal seria de 15 a 20 participantes.

Em relação à Flor da Permacultura trazemos como pontos positivos: a) uma ferramenta norteadora de investigação das temáticas relevantes quanto à sustentabilidade; b) uma maneira rápida de se montar um diagnóstico socioambiental, no qual podemos chegar a um modelo local de questões urgentes a serem trabalhadas contextualizadas com sua realidade como a Flor da Permacultura Local. Logo, temos um modelo rápido, efetivo, que dá uma ideia geral de sustentabilidade local para a partir daí desenvolver-se ações efetivas voltadas para resolução dos problemas apontados.

Como pontos negativos: a) a flor serve como um modelo de sustentabilidade, porém

primeiramente precisa ser contextualizada com a realidade local para que seja efetiva enquanto ferramenta- diagnóstico; b) não resolve os problemas socioambientais discutidos, apesar de apontar caminhos para suas soluções; portanto deve-se buscar outros elementos para em conjunto com a flor como norteador temático possa se construir ações voltadas para mudança efetiva e prática da sustentabilidade na superação das crises em que nos encontramos.

Em relação a junção do Teatro do Oprimido e da Flor da Permacultura como forma de ressignificar e Educação Ambiental, destacamos como pontos positivos a criação de uma metodologia de Educação Ambiental Estética apontando vivências e conteúdos conectados com essas vivências (CAMPOS, 2014) de maneira que esse programa pode ser formatado e modificado com o contexto e com o grupo que se quer trabalhar. Pode-se manter a forma: o trabalho das pétalas/temas da flor com vivências do TO, variando os jogos e exercícios de criação estética propostos por Boal (2006, 2009).

Como pontos negativos destacamos: a) que essa experiência é recomendada para ser realizada por pessoas que tenham um domínio básico da teoria e prática tanto do TO quanto da Permacultura, o que torna-a específica; b) é necessário um recurso financeiro para compra de material e logística para realização da Oficina de Teatro.

Respondendo a nossa questão de pesquisa, o elemento teórico que o Teatro do Oprimido traz é o entendimento da relação de poder existente entre o oprimido, que tem uma vontade; e o opressor, que detém o poder sobre a vontade do oprimido. Entendimento esse como um primeiro passo necessário à quebra dessa relação de poder. E a compreensão dessa relação, que perpassa o indivíduo/coletivo em seu meio e portanto as questões socioambientais inerentes ao mesmo pode ser alcançada pelas dinâmicas de criação trazidas pela metodologia boalina. Sejam elas: os jogos corporais de desmecanização divididos nas cinco categorias referentes aos sentidos humanos e à Estética do Oprimido dividida nas três categorias Palavra, Som e Imagem referentes aos canais estéticos de dominação cultural.

Em relação a Flor da Permacultura (LEGAN, 2004), temos um modelo teórico de sustentabilidade- a flor, cujo miolo traduz-se em cultura da sustentabilidade e cujas seis pétalas-temas em harmonia traduzem um ambiente sustentável. Esses temas são abordados separadamente, mas também em conjunto, relacionando-os uns aos outros numa teia complexa, em que, independente de onde se inicie a reflexão, de qual pétala/tema; percebe-se que todas têm um enlace com cada uma e no todo, simultaneamente.

Ou seja, ao trabalhar a criação artística via Teatro do Oprimido nas pétalas temas da Flor da Permacultura em forma de Oficina de Teatro agregamos vivências relativas aos jogos e improvisações, o que proporcionou uma substância a mais na experiência criativa e no despertar de um pensar vivo, conectado e complexo. Trazendo um olhar outro, múltiplo e plural; tecendo uma rede de encontros entre o sujeito e o seu meio, fortalecendo a relação do homem com a natureza na percepção de si e do seu entorno. Possibilitando a criação estética na Educação Ambiental que somando-se a arte criou um amálgama tal, que não conseguimos mais precisar sua separação; estando diferenciadas aqui apenas para facilitar o entendimento de como ambas operam na percepção da realidade com fins de transformá-la.

Agradecimentos: à Capes pela Bolsa de Mestrado, à ACRANE por financiar o campo dessa pesquisa, aos professores Adauto Souza Ribeiro (orientador), Antonio Vital dos Santos e José Mário Aleluia pelas valorosas contribuições, e ao Movimento Coletivo da Juventude.

Referências Bibliográficas

BAUER, M. W; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 516 p.

BARBIER, R. **Pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007. 157 p.

BARBOSA, I.B. **Jovens e Teatro do Oprimido**: (re) criando a cidadania, (re) construindo o futuro. 172f. (Dissertação de Mestrado) - Programa Estudos da Criança, Universidade de Minho, Portugal, 2011.

BOAL, A. **O teatro como arte marcial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 6ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006. 347 p.

BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2009. 256 p.

CABRAL, B. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006. 127 p.

CAMPOS. P. ; GORAYEB, A. ; DA SILVA, E. V. A Arte como ferramenta para melhoria da qualidade de vida em Pindoretama/CE. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 12 a 16/12/2011, FORTALEZA/CE. Anais eletrônicos. Fortaleza, 2011.

Disponível em:

<<http://www.aba-agroecologia.org.br/ojs2/index.../10768/7323>>.

Acesso em: 02 abr. 2012.

CAMPOS. P; PINCELLA, I.; GORAYEB, A.; DA SILVA, E.V. Arte Educação Ambiental: o Teatro na trilha de práticas sustentáveis. In: Gorayeb, A. ; Silva, E. V. (org.). **Agroecologia e Educação Ambiental Aplicadas ao Desenvolvimento Comunitário**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 85 -101.

CAMPOS, P. Educação Ambiental através do Teatro: por uma Estética do (des) Oprimido. In: II ENCONTRO INTERDISCIPLINAR EM COMUNICAÇÃO AMBIENTAL, EICA/UFS, 27 a 29/05/13, ARACAJU/SE. Anais eletrônicos. Aracaju, 2013.

Disponível em:

<<http://www.rica.eco.br/rica/arquivos/anaiseica2013/EICA%20>

2013-38-Educa%C3%A7%C3%A3o ambiental%20atrav%C3%A9s%20do%20teatro.pdf
>.

Acesso em: 04 dez. 2013.

CAMPOS, P. **O Teatro do Oprimido e a Flor da Permacultura na Educação Ambiental**. 113 fl. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

DESGRANGES, F. **A pedagogia do espectador**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 185 p.

DIAS, G. F. **Educação ambiental**: princípios e práticas. 9. ed. São Paulo: Editora Gaia, 2004. 551 p.

DUARTE JUNIOR, J. F. **Porque arte- educação?** 5ªed. Campinas: Editora Papirus, 1988.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2009. 158 p.

GOETZ, J.P.; LECOMPTE, M. D. **Etnografía y diseno cualitativo en investigación educativa**. Madrid: Editora Morata, 1988.

GUINSBURG, J (Coordenador). **Dicionário do teatro brasileiro**: temas, formas e conceitos. São Paulo: Perspectiva, 2006. 354 p.

HUSSEIN, A. The use of triangulation in Social Sciences Research: Can qualitative e quantitative methods be combinaded. **Journal of Comparative Social Work**. p. 1-12. 2009/1

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. 494 p.

LEGAN, L. **A escola sustentável**: eco-alfabetizando pelo ambiente. Pirenópolis: IPEC, 2004. 171 p.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. ; CASTRO, R. S. **Sociedade e meio ambiente**: a educação ambiental em debate. 4ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006. 183 p.

PEREIRA. M. ; CAMPOS, P. MELO, C. BARROSO, S. M.; GORAYEB, A. **Árvore do Bem viver: Educação Ambiental e diálogos de saberes sustentáveis**. In: Gorayeb, A. ; Silva, E. V. (org.). **Agroecologia e Educação Ambiental Aplicadas ao Desenvolvimento Comunitário**.

Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012. p. 49 - 71.

RYNGAERT, J. Tradução Cássia Raquel da Silveira. **Jogar, representar**: práticas dramáticas e formação. São Paulo: CosacNaify, 2009. 278 p.

SANTOS, J. E.; SATO, M. **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. 3. ed. São Carlos: RiMa, 2006. 604 p.

SILVEIRA, E. **A arte do encontro**: a Educação Estética Ambiental atuando com o Teatro do Oprimido. Educ. Rev. [online]. v 25, n 3, p. 369-394, 2009.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Web:

**<http://coletivodajuventude.blogspot.com.br>
(Movimento Coletivo da Juventude, acesso em 15/11/2013).**

<http://youtu.be/qyroQfwEELo> (Documentário do Processo, acesso em 14/06/2013).

[1] Oceanóloga com Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS), Especialização em Pedagogia Waldorf, Profa Substituta do Núcleo de Teatro/UFS, priscooceano@gmail.com

[2] Ecólogo, PHd, Prof. Efetivo da UFS e do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS), (adautoea@gmail.com).

[3] Criado pelo brasileiro Augusto Boal, nomeado embaixador de Teatro pela Unesco e indicado ao Nobel da Paz em 2009. Sua metodologia foi aplicada em mais de 70 países; seus livros foram traduzidos para 22 idiomas.

Recebido em: 02/07/2014

Aprovado em: 03/07/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: